



Anta, tapir ou batusira



Baiacu ou sapo-do-mar

Maria-leque, maria-lecre ou pavãozinho



■ Remédios mais baratos

Quando chegaram ao mercado há seis anos os medicamentos genéricos criaram a expectativa de diminuir o preço dos remédios. Na tentativa de verificar se essa promessa se concretizou, as pesquisadoras Paola Zuchi e Fabíola Vieira, do Centro Paulista de Economia da Saúde da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), acompanharam o preço de 135 medicamentos genéricos e seus respectivos medicamentos de referência – os remédios de marca que os originaram – entre janeiro de 2000 e junho de 2004. Elas viram que, em geral, os genéricos chegam às farmácias custando 40% menos que os de marca, diferença que aumentou com o tempo: alguns genéricos custavam 47% menos que o medicamento de referência quatro anos depois de seu lançamento. Apesar do barateamento dos genéricos, a concorrência que estimularam ainda não foi suficiente para forçar a queda de preço dos medicamentos de marca, escreveram as autoras em um

artigo publicado na *Revista de Saúde Pública* de julho. Dois fatos explicam o resultado: os genéricos ainda ocupam fração pequena do mercado (5%) e os fabricantes de medicamentos de referência também passaram a produzir versões genéricas de seus próprios remédios. •

■ Rastreamento a Cannabis

Isótopos estáveis de dois elementos químicos – carbono e nitrogênio – encontrados nas plantas podem indicar a origem geográfica de vários produtos agrícolas. Um deles é a maconha (*Cannabis sativa*),

cujas regiões de cultivo podem ser atestadas com bom grau de confiabilidade por essa técnica. Com esse método, pesquisadores do Centro de Energia Nuclear na Agricultura da USP e de outros três institutos determinaram a proveniência de 76 amostras de maconha apreendidas na ci-

A medicina remota do Piauí

Os seres humanos que viveram há 8 mil anos no Nordeste do país já conheciam as propriedades medicinais de algumas plantas, que usavam para tratar problemas de saúde causados por parasitas intestinais. A análise de cinco amostras de fezes humanas fossilizadas achadas na Toca do Boqueirão da Pedra Furada – um dos 900 sítios arqueológicos do Parque Nacional Serra da Capivara, no Piauí – indica que os antigos habitantes da região usavam plantas de pelo menos três gêneros – *Anacardium*, *Borreria* e

Terminalia – para combater diarreias e outros distúrbios do trato digestivo. Com idade estimada entre 7 mil e 8.500 anos, os coprólitos, nome técnico dos excrementos petrificados, continham pólen de plantas desses gêneros, entre elas o caju, e são uma possível evidência das práticas medicinais dos primeiros ocupantes do Nordeste. Como há vestígios arqueológicos de que essa população de Pedra Fu-

rada estava infestada de vermes intestinais, a tese sobre o uso terapêutico dos vegetais contra disenterias ganha mais força, segundo os autores do estudo, Sérgio Chaves, da Fiocruz, do Rio, e Karl Reinhard, da Universidade de Nebraska-Lincoln, Estados Unidos. •

Caju: combate a disenteria há 8 mil anos



Todos os nomes dos bichos



Acuré, antaxuré, batuvira, pororoca. Diferentes fenômenos da natureza? Nada disso. São nomes populares que um mesmo animal, a anta (*Tapirus terrestris*), recebe nas diferentes regiões do Brasil. Não é um caso exclusivo. Investigando cerca

Preguiça, aigue ou cabeluda

de 6 mil documentos, como livros e artigos científicos datados desde o século 16, os zoólogos Nelson Papavero e Dante Teixeira identificaram aproximadamente 38 mil nomes populares pelos quais são conhecidos entre 6 mil e 10 mil espécies de animais. Com essa coleção, Papavero, do Museu de Zoologia da USP, e Teixeira, do Museu Nacional da UFRJ, estão produ-

zindo um novo dicionário de nomes comuns dos animais que deve ser composto por dois volumes, com quase 2 mil páginas cada um. Essa compilação atualizará a principal referência nessa área: o *Dicionário de Animais do Brasil*, de Rodolpho von Ihering, publicado em 1940, com 6 mil verbetes. O primeiro dos dois volumes deve ser publicado no próximo ano. •

dade de São Paulo. De acordo com as análises, a maior parte da droga foi cultivada em área úmida, provavelmente o Mato Grosso do Sul. A quantidade de *Cannabis* oriunda do polígono da maconha, no Nordeste, foi pequena, segundo artigo da *Forensic Science International* •

■ Quando a tradição funciona

No sertão nordestino, onde chove pouco e o sol castiga as plantações o ano todo, é comum os pequenos sitiantes soltarem seus animais – cabras, ovelhas e umas poucas vacas – para pastarem em terrenos coletivos ao lado de suas propriedades. Há quem ache atrasado e economicamente inviável esse modelo de produção conhecido como fundo de pasto, comum em Pernambuco, Bahia, Ceará e Paraíba. O agrônomo Fabiano Toni, da Universidade de Brasília, analisou esse sistema e constatou que o fundo de pasto tem lá suas vantagens. Em um estudo com Evandro Holanda Júnior, da Embrapa, e Evanildo Lima, da Comis-



LAURABEATRIZ

são Pastoral da Terra de Senhor do Bonfim, na Bahia, ele entrevistou 549 pequenos proprietários de doze municípios do semi-árido baiano: 441 criavam animais no sistema de fundo de pasto e 108 em propriedades privadas. Quem usava propriedade privada tinha área de pastagem maior – em média 10 hectares, ante 4 – e um boi a mais que os outros criadores, que

possuíam cinco. Mas isso não lhes garantia renda maior nem mais comida. Os que usavam fundo de pasto consumiam mais carne por ano: 53 quilos por pessoa, ante 43 quilos. É que eles em geral têm mais cabritos, animal resistente à seca. “Nas condições locais, em que já existe a cultura de uso coletivo da terra, o fundo de pasto foi mais eficiente”, diz Toni, que apresentou os resultados este ano em Nova Délhi, Índia. •

■ Ansiedade na periferia

Pais e professores deveriam prestar mais atenção ao comportamento das crianças e dos adolescentes, em especial nas regiões de baixa renda. O garoto que vive brigando ou a adolescente retraída demais podem ter mais do que um problema de indisciplina ou timidez. Podem precisar de atendimento psiquiátrico ou psicológico. Cristiane Silvestre de Paula e Isabel Bordin, da Unifesp, avaliaram 479 meninos e meninas com idade entre 6 e 17 anos moradores do Embu, na Grande São

Paulo, uma das cidades mais violentas do país. Resultado: 25% das crianças e dos adolescentes apresentavam sintomas de ansiedade, depressão ou outros problemas de saúde mental – proporção elevada, mas semelhante à de outras regiões de baixa renda da América Latina. Em 7,3% dos casos os sinais eram intensos o suficiente para afetar a vida na escola, a relação com os familiares ou outras atividades. Projetada para a população de todo o Embu, essa proporção corresponde a 3.830 garotos e meninas que necessitariam de tratamento psicológico ou psiquiátrico. Como previsto, os problemas de saúde mental foram mais frequentes entre as meninas, com predomínio de sinais de ansiedade e depressão. Inesperadamente, o nível de agressividade entre elas foi tão alto quanto entre os meninos. No Embu a rede pública de saúde com atendimento em saúde mental levaria sete anos para atender esses casos. “Essa situação provavelmente é semelhante à da periferia dos grandes centros brasileiros”, diz Cristiane. •